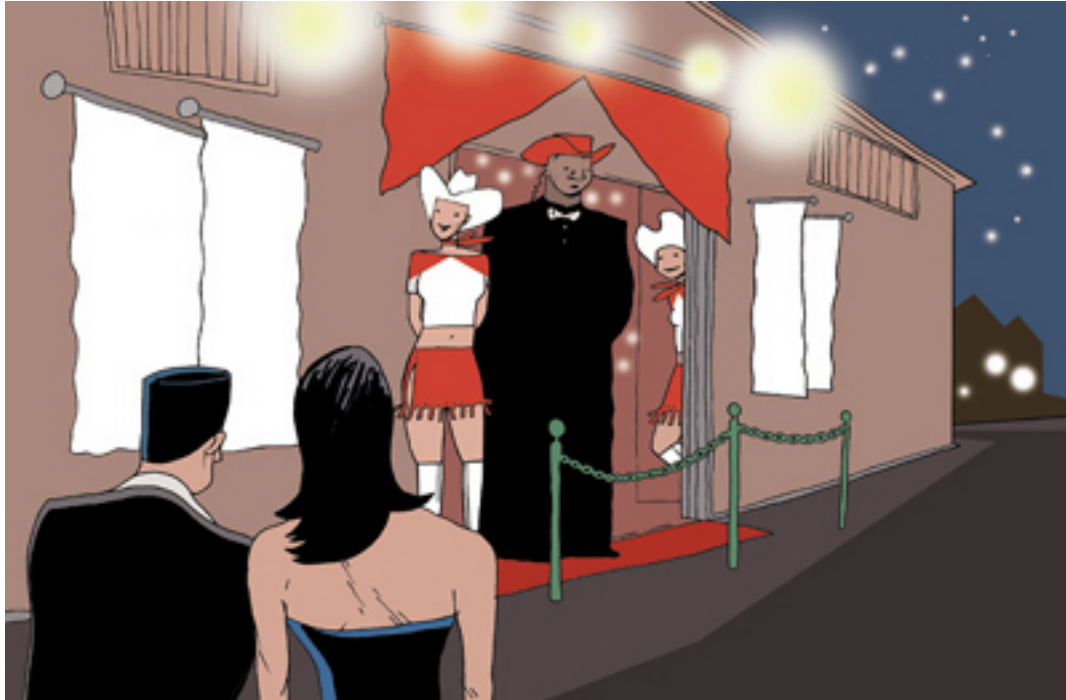


José Xavier Ezequiel

fados & desgarrados

pág. 55-71, Campo das Letras, Porto, 2007



um táxi a parir teenagers

Era uma vez um bairro popular. Havia putas às esquinas quase tão gastas como a tinta das paredes onde faziam tempo para o galão morno e a meia torrada a pingar de margarina vegetal na Leitaria Bar Nelson, havia negócios surdos com relógios de marca e tirantes de ourina catados de esticão, havia velhos quase a cair da tripeça, daqueles que se agarram apaixonadamente à bengala de pau-rosa e se debatem tenazmente por cada centímetro de calçada polida, e havia também velhos um pouco menos velhos que nos intervalos da venda

da lotaria e dos jornais ainda conseguiam decifrar a cor dos reis das senas e dos duques antes de os lançarem em voo planado para o difícil aeródromo da mesinha de mármore furta-cores, bem mais preocupados em não acertar nas rodela olímpicas de tinto benzido do que em ganhar pontos lambidos ao adversário de todas as tardes.

Havia também uma certa classe média de origem recente, feita de donos de mercearias retrosarias e restaurantes, e de operários de escritório da administração pública, os primeiros de avental mais ou menos imaculado, os segundos rigorosamente fardados com o cinzento protocolar dos funcionários e amanuenses e mangas de alpaca em geral daqueles borracheiros anos de chumbo. Havia floristas fadistas e jornalistas da bola, encadernadores alfarrabistas e livreiros de novidades literárias, e até havia já alguns turistas estrangeiros que enfrentavam o very typical das ruas esconsas, com as casas de fado devidamente arrumadas uma sim uma não entre dois restaurantes típicos, apascentados por guias praticamente trilingues em vistosos autopulmans com forced air, ou sob a escolta personalizada da afamada agência de segurança privada Fogareiros Inc.

Depois veio o 25 de Abril, os cravos e os capitães assinalados, os chaimites na rua e as gêtrezes como bolas coloridas nas mãos de uma criança, as gaivotas áboar e a democracia dos votos plantada demasiado à pressa num país de analfabetos ainda facilmente apascentáveis nos verdejantes caminhos do senhor, e a ideologia que é do povo e o povo que é quem mais ordena, e o wishful thinking dos amanhã que cantam cantados em coro por indolentes ranchos alentejanos, ou ao desafio por guedelhudos cantores de intervenção da Avenida de Roma regressados de Paris à pressa para a rave do nosso tardio flower power.

A coisa, bem vistas as coisas, nunca passou de uma revolução da pandeireta, com muitas flores e fruta pouca, completamente fora de época, já com bicho, ainda mais a destempo ideológico que o velho estado novo que se propunha substituir. Verdade, verdadinha, foi assim como que a evolução na continuidade da primavera marcelista, como muito bem provam os famigerados cravos vermelhos. Mas, enfim, foi uma festa pá.

Tirando os turistas que deixaram de afluir, subitamente amedrontados com a cor dos cravos e o ardor revolucionário dos cantores da moda, pouco ou nada mudou naquele bairro popular,

afinal tão esquecido pelo velho deus católico apostólico e romano, como pelo novo marxismo-leninismo de variante científica.

O que interessa é que, em 1980, o Bairro Alto não passava de uma zona de má fama. Putas decadentes a atacar nas esquinas. Tabernas povoadas de velhos com o baralho plastificado no bolso de trás das calças. E receptadores que regateavam ao tostão os tirantes relógios e brincos abafados na confusão da Baixa Pombalina. Para além dos oásis das mesmas casas de fado e dos mesmos restaurantes com ranchos de sete saias, que os turistas continuavam a enfrentar no aconchego dos mesmos táxis e dos mesmos autopulmans, o Bairro era ainda um terreno difícil para passear à noite. Quantas vezes não tive que dar corda aos sapatos para não ser apertado por três ou quatro gandins saídos sabe deus donde. Para chegar ao Barbarela, ali na Rua da Atalaia, ou bem que fazia o triste papel de camóne e descia do táxi à porta do bar, ou convinha progredir no terreno com os lúzios muito bem abertos.

Ir ao Barbarela era como a desobriga no domingo de Páscoa. Enquanto o país real saltitava nas discotecas, ainda uma autêntica novidade no reyno, ao som do ranhoso *You can ring ma bells*, ou do disco-macho-gay dos *Village People*, os menos dançarinos se deleitavam com as pardaladas dos *Supertramp* e dos *Dire Straits*, e os menos serôdios julgavam que conhecer *Genesis* e *Pink Floyd* era como pertencer a um clube de *connaisseurs*, no Barbarela já se ouvia *Television*, *Material*, *Talking Heads* e por aí fora. No Bairro havia ainda o *Souk* e o *Barracuda*, para os *freaks* das 1^a à 3^a gerações. E no resto de Lisboa, tirando o *Brown's* na *Visconde de Sabugosa*, o panorama era tão kitsch que até o *Archote*, no *Arco do Cego*, conseguia manter o estatuto de discoteca com fila à porta.

Os bétinhos usavam umas calças unisexo de cores berrantes, sem pinças, muito apertadinhas até ao joelho e muito largas daí para baixo, abrindo em gloriosa boca de sino sobre o sapatinho de berloque italiano. Nas zonas suburbanas pululavam umas reduzidas mas barulhentas seitas de punks, que fingiam espetar alfinetes de ama nas bochechas nas orelhas e na testa, ouviam *Sex Pistols*, *Clash*, *999*, *Damned*, *UK Subs*, *Exploited* e *PIL*, passavam o tempo a armar zaragatas, a dar biqueiradas nos inocentes caixotes de lixo pendurados nas

soleiras das portas, a mamar sandes de coiratos e mines na Feira da Ladra, e a procurar uma nesga de parede onde pudessem escrever com latas de spray preto

NO FUTURE

PUNK' S NOT DEAD

NEVER TRUST A HIPPIE

Porém, durante os primeiros anos da década de 80 o velho Bairro sofreu uma mudança absolutamente radical. Loja de móveis aqui, discoteca ali, uma padaria que sofre por obra e graça de Manel Reis o Inventor da Noite o milagre da transformação em poiso obrigatório de actores subsidiados, estilistas radicais, escritores em vias de sucesso nas páginas de cultura dos semanários e artistas plásticos empenhados em introduzir o acrílico na pintura pós-moderna, em menos de um lustro o velho bairro popular transformou-se numa imensa feira de modas e vaidades. E era vê-los, peregrinos suburbanos em busca da salvação eterna da passagem da rua para o calor da pista, a Guida Gorda armada em implacável S. Pedro, porteira de um céu que por vezes mais parecia um inferno Ai isto hoje está impossível, empurrão para um lado, apalpão para o outro, Desculpe mas é só para clientes habituais.

E o Bairro Alto já não era o mesmo. A exemplo do que acontecera muitos anos antes em Madrid ou Paris, os pintores escritores actores jornalistas publicitários designers e todos os opinion makers em geral invadiram à uma o velho bairro. Taberna a taberna, mercearia a mercearia, esquina a esquina, putas decadentes, fadistas sem voz e gatunos quase na idade da pré-reforma compulsiva foram sendo empurrados para as ruas mais obscuras, enquanto velhos armazéns eram transformados em bares restaurantes lojas de antiguidades lojas de roupa mais ou menos de alta costura lojas de móveis modernações ateliês de design e todo um

sem número de negociozinhos de bijuteria e bric-à-brac que nunca ninguém percebeu como podiam dar guito.

Peregrinos da cintura industrial, tribos suburbanas resguardadas pelo rigor das fardas e dos gostos musicais, esquinas que sofreram o upgrade dos novos consumos para-legais, o Bairro tornou-se em três tempos a meca de todas as noites de todos os outros bairros da pequena grande metrópole que faz do resto só paisagem, pelo menos desde que o Martim Moniz se deixou entalar por uma porta infiel.

A coisa começou a atingir tais proporções que o estado-maior da gandulagem bairraltense tocou a reunir no Lisboa Club Rio de Janeiro. Ao fim de 20 minutos de vigorosas marteladas com o cu da resistente garrafa de Sagres na mesa de mármore para exigir silêncio da assembleia, ficou decidido e lavrado que, de futuro, Só em caso de necessidade devidamente justificada podem os presentes e os ausentes nesta assembleia por eles representados recorrer ao gamanço de esticão e à navalha sevilhana, já que está visto provado e por este meio ratificado em acta abaixo assinada haverem formas bem mais prazenteiras de continuar a baratinar o otário, pelo que, portantos, convém a partir da presente não espantar a caça com assaltos agressões ou quaisquer outros comportamentos menos urbanos.

Daí para a frente foi a invasão declarada. Sextas e sábados, mal o sol se punha, era ver os peregrinos a trepar o Chiado, a Calçada do Combro, as Escadinhas do Duque, o Elevador de Santa Justa e a Rua do Alecrim, afluindo em romaria mariana de Lisboa e arredores. Os habitués fardavam obrigatoriamente de luto carregado por Ian Curtis, quando muito faziam pequenas concessões ao branco e ao cinzento, uma vez por outra conseguiam vislumbrar-se elementos de seitas minoritárias, metálicos, um gótico ou outro, carecas nacionalistas a fazerem peito patriótico com t-shirts da bandeira inglesa, vanguardistas semi-gay dos saldos de fim-de-estação dos Porfírios e até um ou outro bétinho completamente deslocado, contudo também ele à procura de um engate fácil, consumado em furiosas marmeladas e rápidas mamadas nas casas de banho da Juke Box, do Café Concerto ou da Ocarina.

Portugal, bem vistas as coisas, aproximava-se a passos largos dos altos valores culturais europeus, em cuja Comunidade Económica acabava triunfalmente de entrar pela mão

autoritária do Professor Doutor Conde Barão de Boliqueime, Primeiro Ministro da Nação Algarve e Ilhas Adjacentes, incluindo metade de Timor, adjacente da Indonésia e do filho da puta do Suharto.

Nos finais de 80, princípios de 90, um regular cumpria o figurino marcando encontros na Brasileira ou no Estádio. Quando o dinheiro era escasso jantava por ali num tasco infecto cuja ementa se limitava a assinalar bitoques com ou sem ovo. A seguir ia beber um copo ao B'Artis ou ao Nova, passava pelos 3 Pastorinhos e pelo Sudoeste antes de arriscar a rede apertada do Frágil, ia ver as modas ao Trumps, tentava o Plateau e, depois, cama. Em dias ainda de menos papel, havia a alternativa das tascas pós-jantar, o Arroz Doce/Pontapé da Cona, as Primas, o António, e um nunca mais acabar de sítios onde, em alegre comunhão dionisíaca, a juventude lisboeta se emborrachava em unísono, desafiando a condescendente Lei do Balão, uns tantos todos os dias, a grande maioria apenas às sextas e sábados.

E, assim sem mais nem menos, se esfumaram os pouco gloriosos anos 80. E mais metade dos 90. Com o estertor do consulado cavaquista passou-se do nunca me engano e raramente tenho dúvidas para a dúvida metódica do beatério guterrista. À noite cresceram a 24 de Julho e as Docas, com Santos pelo meio, numa segmentação do mercado do lazer que deixou para o Bairro e para a Graça os artistas lato sensu e outros alternativos avulsos, e o resto do território para os queques betos pimbas suburbanos infra-urbanos chungas chungas-chic chungas-choc debutantes e aspirantes a todos os géneros supracitados, com uma linha divisória que deveria pela lógica ter sido estabelecida algures a meio da Calçada do Combro, mas que o Incógnito e a Cachupa obrigaram a fixar na intersecção da Rua de São Bento com a Poço dos Negros. Os bares clubes discotecas e casas de sandes espalharam-se como uma praga de gafanhotos por toda esta vasta zona da velha Lisboa, galgaram a linha de caminho-de-ferro que nos dias úteis transporta o povo matinal de Cascais para os escritórios da Baixa Pombalina, e só se detiveram perante a heróica resistência das tágides, não sem antes devorarem quase por completo os restos mortais do defunto Império Sacro-Santo Marítimo.

Contudo, diferenças ideológicas à parte, quando chegava a madrugada encontrávamo-nos todos no fundo das catacumbas infernais do Kremelin, ou debaixo da abóbada celeste do

Alcântara, quando não mesmo nas rulotes dos cachorros com tudo, na chunguice do Cacau da Ribeira ou, só mesmo pour les compagnons, no retiro do Ti Joaquim mesmo à entrada do mercado da fruta, uma abençoada casa onde a partir das cinco se podia aconchegar a fome com sopa quente petiga frita sandes de carne assada a pingar molho pelas mãos abaixo e até pão de ló acabadinho de desenformar.

Um dia, era o chuvoso outono de 98 quase no fim, calcorreava sem destino as vielas laterais por onde praticamente nunca passava e descobri quase sem querer o Novyork. O nome fisgou-me logo. Pesei durante alguns segundos se entrava ou não. Cedo era. Ver as mesmas caras de sempre nas mesmas tascas do costume, cheias dos mesmos garotos de todos os fins-de-semana a enxofrarem-se de cerveja até à hora do último barco e do último comboio para as reluzentes periferias, também não me apetecia por aí além. Atirei-me portanto ao porteiro com um polido boa noite. Este, fardado com o rigor de naftalina dos antigos comodors de estação ferroviária, fez-me sentir num tribunal de polícia a responder por desacatos na via pública. Os seus olhos, onde as cataratas e a pinga haviam já desenhado milhares de minúsculas estrias vermelhazuladas, executaram um impertinente movimento de câmara desde a minha cabeça até aos meus pés.

Muito boa noite faça o favor de entrar, sussurrou em tom excessivamente polido, deixando claro que eu não condizia mesmo nada com o arquétipo dos clientes habituais da fragata que tinha por missão defender o mais garbosamente possível.

Acabei por baptizá-lo de Juiz. E não me enganei muito, já que era, sem qualquer margem para dúvidas, um homem com um currículo invulgar para porteiro de um bar de meia tijela. Um dia, depois do fecho, uma imensa curiosidade levou-me a convidá-lo para acabar a bebedeira em minha casa. E aí, já com o nível de álcool para além da consciência, ele abriu-se em confissão e relatou-me-me a sua história pouco comum, em tom excessivamente declamado de teatro isabelino.

Anos 60. O Salazar quase a cair da cadeira, de onde durante décadas conseguira transformar a nação numa Albânia do ocidente em nome da fé da raça e do império. O nosso Juiz leva uma vida perfeitamente vulgar. Classe média de renda económica das Avenidas Novas,

licencia-se em germânicas e começa a dar aulas num colégio de meninas. Casa-se, tem um filho varão, milita no Sporting Club de Portugal, clube que segue com devoção domingo após domingo pelo país fora. No verão, devorando de eléctrico a calma azul da marginal com as cestas do pic-nic aos pés, vai a banhos à Cruz Quebrada. Todos os santos natais e páscoas parte para o norte, ou para consoar batatas cozidas com bacalhau e sobremesa missa do galo, ou para beijar o cruxifixo e meter num envelope com o nome por fora as notas de cem milréis do dízimo. Carrega prendas muito bem embrulhadinhas para cima e garrações do verdadeiro para baixo. É o genuíno português, que acredita que Angola é nossa, a nossa senhora de Fátima mais que um destino turístico e o hóquei em patins o nosso melhor desporto do mundo.

Apesar de toda esta normalidade, depois dos 30, sem quê nem porquê, dá-lhe para começar a lançar olhares libidinosos aos joelhos das alunas mais espigadas. Os joelhos eram, afinal, a única parte do corpo que a saia escocesa e as meias de lã deixavam ver com algum detalhe. Ainda por cima, o coitado, para sua enorme desgraça, tinha a pancada dos joelhos, considerando até que a cena mais erótica da história do cinema era o célebre travelling pelas pernas da Lana Turner acima no Carteiro Toca Sempre Duas Vezes de 1934.

As alunas mais atrevidas já cochichavam risinhos mal disfarçados pelos corredores do colégio. Algumas começaram a provocá-lo e esqueciam-se de puxar a saia para baixo depois de se sentarem. Aquelas aulas de inglês transformaram-se num verdadeiro rodopio de idas e vindas à casa de banho para conseguir resistir aos infindáveis 50 minutos da aula seguinte.

Uma dessas raparigas, hoje uma senhora de posição, segundo as suas exactas palavras, dava-se mesmo ao trabalho de soltar o alfinete do kilt antes de cruzar as pernas. Duas pontas de fazenda azul e verde abriam-se então à frente dos seus olhos gulosos, cortinas de um espectáculo feito de joelhos que não paravam de se cruzar um no outro para chamar a atenção, coxas morenas que se escondiam debaixo de rendas brancas, o vinco um pouco mais rosado que marcava o elástico das meias na pele macia e adolescente. Um dia, finda a última aula da manhã, ela deixou-se ficar para trás. Quando já só restavam os dois na sala, levantou-se, fechou a porta com um muito bem estudado golpe de anca e perguntou-lhe se podia tirar

umas dúvidas sobre a grafia de umas palavras que ouvira num filme americano e que não correspondiam mesmo nada às virginais legendas do cinema Londres.

Por exemplo, começou ela enquanto escrevia a palavra correctamente no quadro, sucker leva só um cê murcho ou também leva um kapa espetado?

Era demais. Já a coisa ia adiantada em gemidos e mãos dentro da braguilha, quando alguém abriu a porta e lhes veio estragar a festa. Era uma aluna que se tinha esquecido de um caderno e teve que voltar atrás. Arregalou muito os olhos e emitiu um gritinho histérico. A primeira, que para a idade já a sabia toda, desatou também aos gritos e a bater-lhe com as mesmas mãos que, segundos antes, tão experientemente lhe manipulavam os botões das calças. Claro está que a sonsa da porta desatou a correr por ali fora aos gritos em busca da protecção das noivas de Cristo. Coitado do Juiz. Ficou paralisado, de calças na mão, sem saber que fazer ou dizer em sua defesa, enquanto as freiras, de batinas arregaçadas para melhor poderem speedar corredor fora, acorriam excitadas pelo vislumbre de um acto carnal graças a Deus não consumado.

E foi esta a versão a que vingou, não porque ela tivesse uma fama por aí além, mas porque tinha nome, daqueles que davam direito a casamento nos Jerónimos e fotografias no Século Ilustrado. Viu-se no olho da rua, obrigado por falta de referências a fazer trabalhos braçais e mal pagos, teve que mudar de casa e tirar o filho do colégio, resolveu tentar franças e alemanhas, até que aportou a Moçambique, onde ninguém lhe sabia do passado nem se dava ao trabalho de confirmar referências. E lá voltou ao clássico I am the teacher, You are the student, This is a classroom. Mas desta vez, por via das dúvidas, num colégio de rapazes. Os quais, ao menos isso, nunca lhe despertaram qualquer curiosidade menos adequada.

Habituar-se rapidamente aos feéricos encantos de África, onde a solidão entretanto o presenteara com dois mulatinhos traquinas, mesmo assim nunca faltando com o cheque mensal para a metrópole, quando aqueles rapazes da tropa resolveram apelar o Caetano e entregar as colónias ao movimento de libertação que mais depressa preenchesse o boletim de inscrição em papel azul de 25 linhas devidamente marginado para o parecer técnico do camarada Brejnev. De um momento para o outro os amigos da sueca do Sporting começaram

a vender ao desbarato tudo o que tinham e a debandar com medo dos pretos. E as passeatas ao domingo deixaram de ter o mesmo sabor sem os compinchas com quem discutir os pênaltis por marcar segundo a vívida descrição do relator-mor-do-império Artur Santo Agostinho. Ou aquelas curtas excursões ao simulacro do Pinhal de Leiria, em Vila Luísa, com o seu areal coberto de pássaros mortinhos por tombar à mira da discreta ponto 22. Ou às cataratas da Namaacha, mesmo na fronteira com a Suazilândia, que tanto lhe fazia lembrar a metrópole com o seu clima temperado e morangos e maçãs golden e pêra rocha e caril de caranguejo com arroz branco e Laurentina preta posta ao fresco sintético de uma geleira de plástico comprada no monhé da Matola, e o drugstore do outro lado da fronteira onde os drops eram muito mais baratos e os garotos que ficavam todos contentes e o deixavam sossegado durante a tarde para roer o lábio inferior e fazer figas que o Yazalde marcasse mais um golo.

Mas um dia, no regresso do colégio, sentado no banco da frente de napa verde do machimbombo número 7 que corria fanhoso da baixa ainda branca até ao Xipamanine do musseque e o largava no Alto-Maé, mesmo por trás do cinema Império, alguns pretos anónimos começaram num crescendo de provocações e intimidações, Futseca ólhum branco ainda vivo, Branco di merda vai pra tua terra, Branco é papel higiénico, edecétera, e era uma vez o sonho de paz e progresso do grande homem branco que ia, de uma vez por todas, não para o quinto império mas apenas para o quinto caralho.

Ainda assim deixou-se ficar, a ver no que aquilo dava, demasiado habituado ao cafuné que o embalava, ao ritmo de intermináveis canções sussurradas em landim e à húmida catinga da sua jovem cabrita. Mas ao fim de uns meses as coisas começaram a tornar-se realmente insuportáveis. E resolveu pirar-se dali para fora. Como não eram casados, a FRELIMO determinou que a rapariga era moçambicana. Logo, não podia sair. Quando muito poderia trazer os filhos. Estes, é bem de ver, não vinham sem a mãe. Meteu-se no Boeing 707 muito aliviado por não ter que explicar à legítima que as agruras da diáspora lhe tinham feito sair na rifa mais dois bastardos afro-lusitanos. Engano o dele. Veio encontrá-la amancebada com um actor ex-exilado político em Paris, que encenava peças de teatro revolucionário nas barracas do Bairro Chinês com subsídios não menos revolucionários do V Governo Provisório. Ela própria se convertera de um dia para o outro ao verdadeiro internacionalismo

proletário, substituindo com a mesma devoção as missas de domingo na Basílica da Estrela pelos comícios de apoio ao Processo Revolucionário Em Curso. Recebeu-o à porta da casa, que ele até aí sempre pagara com o religioso cheque mensal, com os modos brutais de mulher emancipada à pressa. Gesticulando às duas mãos, que um número impossível de pulseiras de cobre transformava num chocalho de festa brava, afiambrou-lhe com a mama esquerda na cara e ele não pode deixar de reparar num auto-colante colado à camisola que proclamava em rima de pé-manco

FORÇA, FORÇA, CAMARADA VASCO
NÓS SEREMOS A MURALHA DE AÇO

E anunciou-lhe com tantos pás quantos era possível introduzir entre duas palavras de português da metrópole, Não tou pra receber na minha casa pá, um retorna sem eira nem beira, pá, um reaçã pá, legitimamente escorraçado pelo poder popular da grande república democrática moçambicana pá, agora que encontrei um homem pá, um homem que me trata como Mulher pá, com éme grande e tudo pá, que a revolução estava com o povo e que o povo estava com o MFA pá, que a Concordata tinha sido finalmente revogada pá, e que o divórcio pá, era uma verdadeira conquista dabril pá, tão inalienável como a reforma agrária pá, a liberdade de expressão pá, e o direito à greve. Pá.

Entrou na mesma, ainda com os ouvidos a zunir com tantos pás da padeira vermelha de Aljubarrota. Mas o catraio não lhe ligou grande importância. Não se lembrava lá muito bem da sua cara. Estava naquela idade fodida para quem o pai é apenas um filho da puta de um símbolo de autoridade. E, por outro lado, o novo pai não só lhe deixava fumar charros, como até o ensinava a enrolá-los,

Quem vai ao mar perde o lugar, pensou o Juiz fiel aos seus princípios determinísticos. E resolveu seguir em frente, fosse ela qual fosse. Como tinha regressado completamente fora de prazo, não conseguiu sequer habilitar-se à mama do IARN. Por isso, mandou tudo às

urtigas, arranjou em São Bento uma espelunca a cair de velha e veio acabar à porta do Novyork porque tinha modos educados e arengava como ninguém a língua universal dos camónes.

Bom, nessa chuvosa noite de outono eu ainda não sabia nada disto. Nem podia. Limitei-me a seguir por um corredor tão mal iluminado e tão pouco limpo como seria de esperar. Mas, de repente, exactamente antes do último reposteiro a pingar pó por força dos muitos anos de imobilidade forçada, dei de caras com o Ernesto Hemingway. Esse mesmo. O da caça e da pesca, o dos livros e das vaidades, o do rum e da tourada. Nem queria acreditar no que via. Um Hemingway de postal ilustrado, todo ele vestido de caqui desert boots e meias de boer, com um leopardo acabado de matar muito bem arrumadinho aos seus pés e uma displicente arma de caça grossa apoiada na mão esquerda. Para dar o toque imperial que estas coisas sempre exigem, ele alongava pesadamente o olhar, com a sua habitual sobrançeria, para o vazio infinito do vidro anti-reflexo da moldura de alumíneo escovado.

Que fazia uma fotografia p/b tamanho gigante do Hemingway à entrada de um bar de alterno? Para quem entrava de mãos nos bolsos e saía de bolsos vazios, aquele gajo para ali armado em grande caçador branco seria o quê? Um recuerdo de férias do dono do estabelecimento?

Cheguei-me ao balcão e sentei-me num banquinho de veludo que já vira dias mais felizes, sem dúvida a condizer com o travesti que tentava reproduzir em mau play-back um antigo faduncho da Amália. O raparigo havia já concebido sem pecado uma vagina demagógica, que o fuseau de lycra obrigava a deduzir por exclusão de partes, e as mamas até eram suficientemente grandes para despertar a curiosidade masculina. No entanto, e apesar dos grandes avanços que a indústria científica tem feito nesta matéria, não há bateria de hormonas que consiga eliminar, de forma convincente, as excrescências pilosas a que os anúncios da Gillete costumam chamar barba de um feroso latino que praticamente já nasceu com pêlos no peito.

Bom, ele há gostos para tudo. Eu cá gosto de mulheres. Um bom simulacro pode ser tão gratificante como uma boa realidade. Mas naquela criatura os pêlos não ajudavam mesmo nada. Virei-me para a frente e mal apanhei o barman a jeito pedi-lhe uma Sagres bem fresca,

desconfiado da qualidade do vodka que serviriam num bar daquela categoria. E deixei-me ficar completamente absorto em recordações do Hemingway do Orwell do Miles do Bataille e de tantos outros que rumaram a terras de Espanha em busca da volúpia da morte, uns enfiados até ao pescoço nas trincheiras da Guerra Civil, os outros comodamente sentados nas trincheiras da monumental de Madrid. Só o povo mais ferozmente católico da História, fundador da piedosa Santa Inquisição, da franquista Viva la Muerte e da tentacular Octopus Dei, seria capaz de manter viva até ao século XXI uma das cerimónias pagãs mais controversas da aldia pós-moderna. É verdade que o fascínio da tourada passa muitas vezes pela nostalgia de um certo homem primitivo, demasiado violento e sanguinário, e desejavelmente em vias de extinção. Mas basta observar o prazer com que se continua a matar por esse mundo fora para se perceber que o tal homem primitivo, demasiado violento e sanguinário, permanece praticamente intacto. Daí talvez o interesse que sucessivas gerações de artistas e intelectuais, das mais diversas proveniências ideológicas, têm votado aos insondáveis mistérios desta subcultura ibérica.

Dei uns goles distraídos na cerveja mal levedada. A Sagres não andava lá grande coisa. Paciência. Só continuava a pedi-la por um inexplicável chauvinismo gauche. Assim como aqueles velhos intelectuais de antigamente, que fumavam Português Suave sem filtro e faziam gáudio em ostentar, esforçadamente adquiridos ao longo de intermináveis discussões panegíricas, os dedos da mão esquerda gratinados de nicotina.

E assim me quedei, durante nem sei bem quanto tempo, bebericando a cerveja e fumando cigarro atrás de cigarro, pensando na morte da bezerra e na solidão alcoólica que me ia afogando a alma. Ter uma vida só para mim e não saber o que fazer com ela, poder levar apesar de tudo uma existência muito melhor que a grande maioria dos infelizes e mesmo assim passar a maior parte do tempo cheio de pena de mim próprio, embriagar-me todas as santas noites com vodka e durante todo o santo dia com o dinheiro dos outros, e ainda por cima ter a perfeita consciência de que a minha alma se ia desfazendo à mesma velocidade sincopada do fígado, era desde há vários anos o círculo vicioso do meu monótono quotidiano. Deixei de ler, de ir ao cinema, dia após dia religiosamente sóbrio das 8 às 6 da tarde, noite

após noite religiosamente anestesiado até cair na cama, a grande maioria das vezes sem ter sequer tirado os sapatos ou acabado de desapertar o nó da gravata.

Já não me lembrava muito bem de como era sentir o cheiro de uma pele macia, o sabor salgado de um corpo com cio. Da última vez que tive um orgasmo acordei com os lençóis ainda pegajosos e pensei, com uma amargura de humor negro que o correr dos dias foi inventando para me defender da insanidade, que acabava de ter um sonho erótico com uma garrafa de Stolichnaya. Até o meu incorrigível vício de voyeur eu fui perdendo. Nem as pernas das clientes que entravam e saíam, nem sequer os decotes que se inclinavam ao balcão enquanto preenchiam os impressos de depósito, me despertavam agora a mais pequena curiosidade. E também para quê? Sacava-lhes o telefone e convidava-as a embebedarem-se comigo até cair para o lado na sexta-feira seguinte?

Bom, passar em revista a minha não-vida sexual era um fraco motivo de distração. Mal por mal preferia levar com os travestis. Virei-me para o palco. E, de repente, sem saber de onde é que elas vinham, cruzei-me com o par de olhos que eu sentia a queimar as minhas costas de há uns instantes para cá.

Há mulheres bonitas, mulheres doces, mulheres sexys, mulheres que não são particularmente bonitas mas nos dão um tesão do caracas, mulheres que têm uma cara sem graça e um rabo de perder a cabeça, mulheres que são lindas de morrer mas não têm cintura nem ancas, enfim, qualquer razão é boa para um homem straight and single olhar para uma mulher.

Isso é uma coisa. Outra coisa é, sem qualquer aviso, virar a cabeça e dar de caras com o arquétipo da luxúria propriamente dito. Uma morena de cabelo tão negro como o par de olhos que me fixavam. E se era impossível fugir daqueles olhos. A atracção do abismo. O coração que desata aos pulos como uma gazela de Thompson ao ver uma chita disparar na sua direcção. A testosterona que atravessa todo o corpo à velocidade da luz. O instinto de sobrevivência que entra em alerta vermelho e dispara todos os alarmes ao mesmo tempo. O medo que nos mantém vivos e nos segreda ao ouvido que o melhor é fugir. Que aquilo é andamento demais para mim. Já que mais não seja porque está acompanhada por um cavalheiro muito maior do que a saúde aconselha.

Dito e feito. Paguei as cervejas, pousei os pés no chão e enderecei-me à porta de saída. Fiz uma vénia de despedida ao Hemingway, considereei o que é que teria ele a ver com o raio do nome do bar, ainda se fosse Havana ou Key West ou Paris, e não resisti a perguntar ao porteiro se era mesmo o raio do homem.

Sim senhor, garantiu-me ele enquanto tentava refundir o copo de escocês atrás do reposteiro a pingar confetis de poeira. É a célebre fotografia saída na Look Magazine, salvo erro em 1954. E creio que aquela é a Winchester com que se suicidou.

Está certo. E estava mesmo. Excepto na arma, que aquela com que deu o tiro fatal era uma Mannlicher 256, a arma que usou no seu primeiro e mui famoso safari ao Sereengueti em 1934.

Meti-me num táxi e mandei seguir para o Incógnito, o que quase despertou uma fúria no homem por ter de fazer uma corrida tão curta. À nossa frente outro táxi acabava de parar meia dúzia de teenagers, ostensivamente excitadas pela noite sem horas de chegar a casa, duas ou três cervejas a mais, a recente descoberta de que cá fora existe um mundo muito mais colorido que o azul versus cor-de-rosa das barbies dos kens e dos nenucos, e que os rapazes têm um brinquedo entre as pernas que fica tão duro que parece que vai explodir. E que explode mesmo à mais pequena oportunidade.

Ainda era cedo para o Incógnito. Dois Absolutos depois não tinha melhorado por aí além. Paguei e segui rua abaixo, repentinamente cheio de fome. Entrei na Cachupa, taberna semi-clandestina num discreto andar de habitação da Poço dos Negros, à época frequentada pela chunga mais rufia e pela nata da boémia lisboeta, tudo ao mesmo tempo, numa alegre comunhão integracionista. O ambiente estava insuportável. O cheiro a frango frito cavalgava gorduroso da cozinha até à sala atapetada de linóleo aos quadrados. Um calor pegajoso colava a roupa às zonas mais aconchegadas do corpo. Comi uma perna de frango frito, pedi mais uma Sagres a dar para o morno e desandei escadas abaixo em direcção ao abrigo fresco da madrugada.

A noite corria suave. Uma lua quase cheia crepitava por cima da minha cabeça ondulante. Recordar a morena e a triste figura que tinha acabado de fazer no Novyork levaram-me Rua

do Vale acima até ao largo do Liceu Passos Manuel. Sentei-me na escadaria da igreja e puxei de um Gigante. Mal tinha acabado de o acender, apareceu-me um fulano vagamente conhecido das idas e vindas dos bares que me perguntou se não lhe arranjava um. Antes que eu pudesse responder que sim ou que não, já ele estava sentado ao meu lado e me estendia a mão. Deixámo-nos para ali ficar a falar de tudo e de nada. Aproveitou para me cravar outro cigarro e dois ou três goles de cerveja. Parecia mais uma conversa de circunstância, tão morna como a Sagres que desaparecia lentamente. No entanto, havia qualquer coisa na sua atitude que não estava a agradar-me mesmo nada.

Dito e feito. Não tardou muito começou-me com as falinhas mansas do costume, enquanto tentava pequenas investidas pelo meu joelho acima. Não ia levar a coisa a peito. O moço tinha todo o direito de tentar a sua sorte. E, bem vistas as coisas, até podia sentir aquilo como um elogio. Mas os homens nunca ma conseguiram pôr direita. E não conheço melhor indicador que esse para aferir os gostos sexuais de cada um.

Levantei-me, disse-lhe que tivesse mazé juízo e deixei-o a falar sozinho.